

RALED

VOL. 25(2) 2025



RESENHA

Coletiva Ciborga. *Etnografia digital: um guia para iniciantes nos estudos da linguagem em ambientes digitais*, 2022

179 págs. Cegraf UFG, 2022.

ISBN: 978-85-495-0509-5

HELENA SARMENTO BARROS

PPGL/UNB

Brasil

VIVIANE CRISTINA VIEIRA

PPGL/UNB

Brasil

Recebido: 20 de janeiro de 2025 | Aceito: 29 de outubro de 2025

DOI: 10.35956/v.25.n2.2025.p.253-259

O livro *Etnografia digital: um guia para iniciantes nos estudos da linguagem em ambientes digitais*, escrito e revisado por Amanda Diniz Vallada, Ana Luiza Krüger Dias, Bianca Alencar Vellasco, Carolina Fernanda Soares Silva, Joana Plaza Pinto, Karoline de Sousa Soares Silva, Maria Rosaria Colangeli de Souza e Thaís Elizabeth Pereira Batista, que numa autoria conjunta se nomeiam Coletiva Ciborga, é uma obra que propõe, de forma corajosa e desembaraçada, um mapa pelos caminhos possíveis de uma etnografia dedicada à linguagem em meio digital.

A subversão do termo ciborgue, que é posto no feminino para nomear a autoria conjunta das pesquisadoras, é prévia da postura presente em toda a obra: uma “busca por suscitar novos olhares interpretativos para a relação entre estruturas linguísticas e os corpos híbridos em que elas habitam, explorando a potência das rupturas e (re)invenções diante delas.” Numa linguagem objetiva e de forma anticonvencional, o texto escrito dialoga com prints de tweets, memes, charges e imagens que enriquecem as discussões levantadas inserindo-as em seu espaço de origem, a internet.

O estudo se situa na interdisciplinaridade entre os estudos linguísticos, os estudos da internet e os fazeres etnográficos entre os mundos online e offline. No primeiro capítulo, as autoras argumentam que a principal motivação para escrever o livro é uma lacuna em literatura metodológica sobre etnografia digital em língua portuguesa e propõem um manual para as pessoas interessadas em investigar etnograficamente como a linguagem afeta o meio digital e como o meio digital afeta a linguagem.

No primeiro capítulo, “Introdução à etnografia digital”, é posto o que é a etnografia e como a etnografia digital é estabelecida enquanto vertente etnográfica. As autoras partem das críticas de ordem epistemológica e ética que a etnografia recebeu em obras clássicas, como as de Malinowski e Boas, e citam Blommaert (2010, apud COLETIVA CIBORGA 2021: 26, grifo no original) ao defender que tais críticas reduzem o campo ao trabalho de campo, no sentido em que as questões de crítica epistemológica enredadas em práticas de trabalho de campo aparentemente simples não são levadas em consideração.

Aprofundando-se na escolha da etnografia digital contra todas as suas alternativas de conceito, mais uma vez a perspectiva crítica da Coletiva Ciborga é posta e, segundo as autoras, essa vertente dos estudos digitais não prioriza apenas a dimensão online, como faz a etnografia virtual, a exemplo, cuja tendência é excluir a dimensão offline (COLETIVA CIBORGA 2021: 32).

O segundo capítulo é um “Glossário de termos básicos”, onde são apresentados termos considerados fundamentais para etnografar o espaço digital. Entre os termos do glossário estão: os três Vs, affordance, Big Data, colapso e expansão do contexto, internet incorporada, corporificada e cotidiana, letramento digital, nexos online-offline e redes sociais. Além de conceituá-los, são comentadas as tensões neles contidas.

Refletindo sobre a interface entre teoria e prática na etnografia digital, o capítulo defende que o meio digital não apenas amplia as formas de prática social, mas também as modifica, demandando um novo aporte teórico para capturar suas complexidades. Sob essas lentes está o termo Big Data, que se refere ao massivo conjunto de dados que é associado a big techs como a Amazon, o Google e a Meta, cujo armazenamento e interpretação demandam tecnologias específicas (estas ainda seminais em trabalhos etnográficos atuais brasileiros) e cujas escolhas de aplicação impactam diretamente na construção dos algoritmos.

A escolha de termos aponta para um cuidado no transplante de teorias “analógicas” para a realidade digital. Nas palavras das autoras, enfatizar “(...)justamente o caráter de deslocamento teórico operado pelo meio digital naquilo que entendemos tradicionalmente por linguagem e por etnogra-

fia (COLETIVA CIBORGA 2022: 38). O conceito de *affordance*, que é a forma como o suporte molda e limita as práticas linguísticas e interacionais, também estrutura um regime metadiscursivo próprio, condicionando a interação online ao hierarquizar participações em posições pré-definidas, como " Postagem " e " comentário ". Isso facilita a extração e recontextualização de interações dentro desses moldes, muitas vezes, desconsiderando a cadeia interacional original. Essa regulação meta-discursiva é um ponto de contestação e utilização constante no contexto digital.

São ainda definidos os termos expansão de contexto e colapso de contexto, que se referem respectivamente à capacidade do meio digital de ampliar informações e de desestruturá-las. As autoras explicam o conceito de Alice Marwick e Danah Boyd (2010) de colapso e se filiam a sua crítica feita por Jan Blommaert, Laura Smits e Noura Yacoubi (2018), que propõem a ampliação como contrapartida. É defendido que o intenso trabalho de contextualização feito pelas participantes das interações online mostra que o contexto não colapsa, apenas a ideia de contexto óbvio e transparente deixa de ser útil. (COLETIVA CIBORGA 2022:46). Além de evidenciar o espírito crítico do livro como um todo, há também otimismo nesse posicionamento: para as autoras a internet é complexa, mas não um caos intangível.

Os conceitos de internet incorporada, corporificada e cotidiana são definidos enquanto três características centrais da internet que permanecem relevantes, mesmo com as rápidas mudanças tecnológicas. A saber, a internet incorporada refere-se à sua integração em múltiplos contextos e significados, tornando o digital uma parte essencial das práticas socioculturais. A internet corporificada reconhece que nossas práticas online são inseparáveis de nossos corpos e identidades sociais, desafiando a ideia de um " ciberespaço " isolado e confluindo no argumento da coletiva de uma etnografia digital que não se dissocia da vida offline; e ainda a internet cotidiana, que é a presença habitual da internet em nossas vidas, exigindo uma análise crítica de como as plataformas digitais moldam nossas atividades diárias.

O letramento digital é localizado no campo mais amplo das práticas de letramento, entendidas como ações sociais e culturais relacionadas ao uso da leitura e escrita, conforme descrito por David Barton e Mary Hamilton (2000 apud COLETIVA CIBORGA 2022:50). Usar mídias online é simultaneamente consumir e criar conteúdo. Nessa ótica, o processo de letramento digital é visto como " mais justo com todas, pesquisadoras e pessoas envolvidas na pesquisa, quando este processo é visto a partir de uma perspectiva processual, contextual, contestadora e com práticas coletivas " (COLETIVA CIBORGA 2022:51).

O conceito de *nexo online-offline* é dado como a interconexão entre ações no ambiente digital e suas repercussões no mundo offline, considerando esta uma relação bidirecional em uma etnografia digital. Trata-se, portanto, da sobreposição do agir online e offline, exigindo que em uma etnografia digital haja um olhar atento a essa conexão e reconhecendo que práticas digitais são uma extensão das interações no mundo físico.

Há por fim as redes sociais, conceituadas como plataformas nas quais as pessoas estabelecem relações por meio de conexões mediadas pela internet (COLETIVA CIBORGA 2022:52). A coletiva comenta o *affordance* da plataforma como limitadores das formas de se relacionar nesses meios, onde há, por exemplo, diferentes níveis de privacidade e diferentes opções de conexões. O uso dessas redes tem alterado as fronteiras entre esfera pública e privada, na medida em que todas as ações realizadas de forma online geram dados em sistemas de controle e vigilância que podem afetar nossas vidas ainda que de forma praticamente invisível (Blommaert e Jie 2019 apud COLETIVA CIBORGA 2022:53).

No terceiro capítulo, “Etapas da Pesquisa”, são abordadas as etapas fundamentais do desenho de uma pesquisa etnográfica digital, a ideia central é que a pesquisa etnográfica deve ser moldada pelas interações e eventos do campo, mantendo compromisso com a empiria e tendo como expectativa imprevistos que invariavelmente ocorrem numa coleta de dados etnográficos, especialmente num campo de estudo cuja mutabilidade é sua própria natureza. O capítulo destaca a importância da escolha de um tema de pesquisa e como essa escolha é direcionada pelas condições sócio-históricas do assunto. A forma que os exemplos dessa escolha são elencados é em perguntas diretas a quem etnografa o digital:

Um assunto está bombando? Você viu um meme no Facebook e depois notou que a imagem do mesmo meme foi pintada num muro da cidade, fotografada e também postada no Facebook? Que trânsito é este entre postagem, muro da cidade e de volta à postagem? Há muitos tweets com a mesma hashtag e ela está no top trend desta semana? Um evento ocorreu num bairro da cidade e foi filmado e compartilhado nas mídias? Um perfil anônimo nas mídias provocou uma manifestação de rua? Estava querendo pesquisar um movimento social edescobriu que o movimento bomba no Instagram? (COLETIVA CIBORGA 2022:55)

A revisão bibliográfica é descrita como etapa crucial que ajuda a identificar se o campo escolhido já foi explorado, além de oferecer orientação sobre os temas e problemas relevantes. O caso da pesquisa de Carolina Silva (2020) sobre a imagem de “Rosie, a Rebitadora” é citado para demonstrar como uma contextualização histórica e cultural pode enriquecer a compreensão de um fenômeno digital. O capítulo também discute a importância dos recursos materiais e infraestruturais na etnografia digital, e que a escolha de hardware e software adequados é essencial para a coleta e armazenamento de dados. São dados como exemplos práticos a necessidade de memória suficiente em dispositivos para salvar material empírico e a importância da velocidade e estabilidade da internet. A ética é outro ponto abordado no capítulo. A ideia de uma “Linguística do Tensionamento” proposta por Ana Luiza Krüger Dias (2020) é discutida, ressaltando, mais uma vez, a importância de considerar falhas e imprevistos como parte integral do processo de pesquisa.

Sobre a exploração do campo e exequibilidade da pesquisa, é apresentada uma análise detalhada das etapas envolvidas na escolha e viabilidade de um tema de pesquisa. A partir da experiência da pesquisadora Karoline Silva e seu interesse em questões étnico-raciais no ambiente digital, o capítulo parte da premissa de que a escolha do material empírico está intrinsecamente ligada ao interesse de quem pesquisa. Postos os dois caminhos possíveis para a exploração do campo — seguir um ambiente digital específico ou analisar as múltiplas entextualizações de um texto —, Karoline Silva optou inicialmente pelo segundo caminho, examinando a associação feita pelo Google entre “mulher negra dando aula” e imagens pornográficas, explorando diferentes blogs e sites que abordavam essa questão. Para as autoras esta é a flexibilidade necessária na pesquisa etnográfica digital, onde quem pesquisa deve se preparar para alterações de rota conforme os dados gerados se apresentam.

A importância da seleção de dados, exemplificada com a pesquisa de Karoline Silva (2020), atesta a importância do glossário enquanto preparação para o fazer etnográfico digital. A pesquisadora em questão se deparou com um dos Vs da Big data: volume excessivo de dados e a consequente necessidade de refinamento das perguntas de pesquisa. A etapa de sistematização e organização se dá na criação de categorias e subcategorias de análise, e um esquema visual do fluxo de pesquisa

inclui o caos como uma de suas etapas. É discutido ainda o armazenamento e gerenciamento de dados e medidas de segurança, como redundância de arquivos e evitar o armazenamento em nuvem, além da atenção a detalhes técnicos como extensões de arquivos e metadados.

A análise dos dados é descrita como uma fase desafiadora e crucial, em que a pesquisadora deve lidar com a incerteza e a sensação de dados incompletos. A abordagem sugerida de retornar às perguntas de pesquisa e evitar a imposição de teorias preexistentes também está no esquema visual, este aliás que apresenta visualmente toda a estrutura do livro de forma concisa e com iconografia própria do ambiente digital.

O capítulo 4, "Desafios Atuais", aborda as complexidades e obstáculos enfrentados por quem utiliza plataformas digitais e redes sociais como campo de estudo. Entre os principais desafios estão as dinâmicas sociais online que afetam a pesquisa e a influência da presença da pesquisadora nos dados coletados. A migração de métodos tradicionais de etnografia face a face para o ambiente digital também é abordada, destacando que mesmo em contextos físicos específicos, como áreas rurais, os processos de globalização e a presença digital são inescapáveis.

Os autores utilizam exemplos práticos e estudos de caso para ilustrar como essas transições e desafios impactam a pesquisa. A crítica reside na necessidade de uma constante reavaliação dos métodos e na importância de um olhar híbrido que transcenda a separação entre o digital e o não digital. A pandemia de Covid-19 é citada como um acelerador dessas mudanças, forçando uma adaptação rápida e revelando desigualdades no acesso às infraestruturas digitais. Mais uma vez a abordagem adaptativa e reflexiva para lidar com as constantes transformações do cenário digital:

E a pandemia, em certa medida, nos mostra a fragilidade de nossos modelos de planejamento. Ao mesmo tempo, passamos a entender que o que vivemos e fizemos ao longo desta experiência absolutamente inédita e atravessada pelo medo e pela dor da perda, está permanentemente atravessado por lutos que, afinal de contas, não poderiam estar previstos em planilhas do Excel. (COLETIVA CIBORGA 2022:135)

Quanto à etnografia digital e à convergência com métodos não digitais, o texto oferece uma visão crítica sobre a pesquisa social em um mundo cada vez mais conectado. A globalização e a rápida expansão das tecnologias digitais transformaram não só as interações sociais, mas os métodos de pesquisa, e a integração da etnografia digital com métodos tradicionais parte da necessidade de captar a complexidade das interações contemporâneas, que se desenrolam tanto no mundo físico quanto no digital. Essa ideia é sustentada pela ideia de Jan Blommaert (2010) sobre a intensificação da velocidade e complexidade das comunicações e pelas discussões sobre desigualdades no acesso às tecnologias.

A discussão sobre o nexos online-offline revela um campo fértil para a reflexão crítica sobre as transformações metodológicas na pesquisa social. O texto examina como a combinação da etnografia digital com métodos tradicionais não digitais redefine o fazer etnográfico, desafiando conceitos estabelecidos e exigindo novas abordagens.

O capítulo conta ainda com uma materialização da mutabilidade e complexidade da etnografia digital: publicado em 2022, quando a pandemia estava em sua fase final (à esta altura, já havia quem considerasse a possibilidade de ser eterna), as autoras comentam o impacto da pandemia de Covid-19, que acelerou a adoção de métodos digitais e forçou uma adaptação rápida à nova realidade de pesquisa. Essa reflexão não apenas avalia os impactos do digital no redesenho de pesquisa,

como também sugere um caminho para a evolução da pesquisa, onde a integração de diferentes métodos, e sensatez etnográfica —para Garcez e Schulz (2015) é o fato de a pesquisa de cunho etnográfico ter um compromisso justamente com o diálogo e com a sensibilidade adaptativa aos contextos (COLETIVA CIBORGA 2022:129) — são essenciais para uma compreensão mais rica e profunda dos fenômenos sociais contemporâneos.

O capítulo final, “Chegou até aqui?”, oferece uma visão panorâmica das questões essenciais abordadas ao longo do livro e sublinha a riqueza e complexidade da etnografia digital. São propostas questões a se atentar: a natureza dinâmica da realidade digital, em que o cenário em constante transformação exige uma abordagem flexível e adaptativa; a etnografia digital enquanto não um processo estático, mas uma construção contínua da realidade em que estamos imersos e a realidade digital evoluindo em contínuo e a necessidade de ajustar o planejamento de pesquisa em resposta às mudanças.

Um aspecto notável é a reflexão sobre a instabilidade do campo digital como parte integrante dos dados gerados. As autoras argumentam que tanto o processo etnográfico quanto o ambiente digital produzem novos vocabulários e elaborações teóricas, permitindo uma compreensão mais aprofundada das transformações contemporâneas. A aceitação das imperfeições e a capacidade de lidar com os desafios são apresentados não como falhas, mas como aspectos naturais e enriquecedores do processo de pesquisa e ainda a ênfase na análise das camadas de contextos, bem como a consideração de fatores como tempo, condições materiais e infraestruturas digitais.

Ao final da leitura, fica evidente a postura crítica constantemente enfatizada ao longo do livro como fragmentos conclusionários de um diálogo constante entre as autoras, como numa conversa que conflui na percepção coletiva de uma flexibilidade tanto nos métodos quanto na linguagem para se fazer uma etnografia digital. Essa forma de construir ideias, que numa perspectiva tradicional sobre o fazer acadêmico pode carecer de rigor e formalismo, é proposta como um caminho que permite integrar a pesquisa digital no que se apresenta como seu principal desafio: sua dinamicidade. Para além de um ato político, que está também na escolha do pronome feminino ao longo do texto e na linguagem acessível a um público amplo, os trabalhos utilizados como casos ilustrativos da realidade de pesquisa são de fácil auto-identificação para quem está numa jornada etnográfica digital.

De forma algo reconfortante, é enfatizado que a pesquisa etnográfica não segue um caminho linear e sem obstáculos. Em repetidos momentos ao longo do livro a etnografia digital é vista como um campo dinâmico onde as falhas e desestabilizações são oportunidades para novas compreensões e ressignificações. Para as autoras esta é a flexibilidade necessária na pesquisa etnográfica digital, onde quem pesquisa deve se preparar para alterações de rota conforme os dados gerados se apresentam. Neste livro cuja forma é o próprio conteúdo, a Coletiva Ciborga mergulha no online e volta à superfície com ele impregnado em seu corpo (meio humano, meio robótico).

Referências bibliográficas

- BARTON, D., e HAMILTON, M. 2000. *Literacy Practices*. In *Situated Literacies: Reading and Writing in Context*, pp. 7-15. Londres: Routledge.
- BLOMMAERT, J. 2010. *The Sociolinguistics of Globalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BLOMMAERT, J., e JIE, D. 2019. *Ethnographic Fieldwork: A Beginner's Guide*. Bristol: Multilingual Matters.

DIAS, A. L. K. 2020. *Imagens e Representações de Gênero: Estudo sobre o Papel da Mulher Trabalhadora durante a Segunda Guerra Mundial*. Curitiba: Editora UFPR.

GARCEZ, P., e SCHULZ, I. 2015. *Práticas Linguísticas e Culturas*. Porto Alegre: Editora Penso.

MARWICK, A., e boyd, d. 2010. "I Tweet Honestly, I Tweet Passionately": Twitter Users, Context Collapse, and the Imagined Audience. *New Media & Society*, 13(1), pp. 114-133.

SILVA, C. 2020. *Rosie, a Rebitadora: A Imagem e Suas Representações no Imaginário Coletivo*. São Paulo: Editora Senac.